

RELATORIO DO PROJETO PARESI

HISTORICO DA ATUAÇÃO DA MISSÃO ANCHIETA JUNTO AOS PARESI

Não temos dados precisos da atuação do Pe. João Dornstauder, e demais elementos da Missão Anchieta desde a década de 40 até a vinda do Pe. Antonio Iasi em 1966. Este atendeu casos de saúde, incentivou as roças distribuindo ferramentas e fazendo o levantamento das divisas para solicitação da reserva, que foi decretada em 1968.

Em 1967 Pe. Adalberto H. Pereira começou um trabalho de pesquisa, agora em fase final.

Em 1970 Ir. Vicente Canhas iniciou um trabalho de convivência, incentivando as roças, atendendo no que lhe era possível os casos de saúde, além de um apoio à vida cultural do grupo. Permaneceu com os Paresi até 1975 e por motivos desconhecidos abandonou o grupo.

Em 1971 Irmã Inês atendendo no setor de saúde e escola e o Ir. Garcia construindo a escola e a farmácia, dentro da mesma linha de trabalho de Utiariti. Ainda neste ano Nanci Magarrato, da OPAN, ajudou no setor de saúde. No fim do ano todos deixaram os Paresi.

Em 1972 Rosa Monteiro e Lurdes Teixeira assumiram o setor de saúde e escola. Sendo que Lurdes deixou os Paresi depois de 3 meses.

Em 1973 Zaira Nidesberger incorporou a equipe por pouco tempo.

Em 1974 Isaldina dos Santos formou equipe com Rosa até o fim do ano, época que Rosa deixou o grupo.

Em 1975 Vanda Barbosa formou equipe com Isa até meados de 76 quando esta foi substituída pela Silvia Bonotto. Vanda também deixou o projeto em fins de 1976.

Em 1976 Ivar L. Busatto, assumiu a orientação da agricultura mecanizada e o incentivo as roças primitivas.

Em 1977 Silvia Bonotto formou equipe com Ivar no incentivo à agricultura.

A equipe que atualmente vive com os Paresi são os três últimos mais Abel Silva.

Como se pode observar a troca de pessoal é muito grande e disso o Paresi têm queixa.

A partir de 1973 por causa dos incentivos governamentais, houve uma corrida muito grande de fazendeiros a procura de terra, em toda a grande região dos Paresi. Com isto iniciaram os problemas de invasão das terras.

A equipe que aqui atuava, começou a fazer um trabalho de conscientização com os índios, de efeito altamente positivo pois atualmente não existem invasores na área.

Salienta-se que desde o início da atuação dos elementos da MIA junto aos Paresi, houve a preocupação de não montar um estrutura material pesada, externa à organização tradicional das casas, que a diferenciasses do resto da comunidade.

Um incentivo à construção de casas típicas teve um efeito positivo. O total de casas é de 70 sendo que 20 são de estilo tradicional, 14 delas construídas nos últimos 3 anos.

ECONOMIA - Projeto cerrado Paresi

Para entender o significado do projeto do cerrado implantado em 1976 é preciso pensar em como se liga à vida econômica da comunidade. Alguns itens de análise são então importantes:

- 1 - Terra
- 2 - Agricultura de subsistência e agricultura comercial
- 3 - Trabalho assalariado
- 4 - Artesanato
- 5 - Borracha
- 6 - Serviços

1 - TIERRA - A área Paresi é hoje de 450 mil ha., enquanto a área reivindicada é de ... 900 mil ha. (uma área grande é importante por causa da necessidade de caça). Apesar de sua extensão, a terra é em geral inaproveitável. Os cultivos são feitos nas cabeceiras ou beiras dos córregos que têm pouca resistência. Por sua má qualidade, a terra não pode ser cultivada por métodos primitivos, sem adubação, em quantidade suficiente para uma economia de subsistência em nível satisfatório.

Vejamos então quais as características da agricultura nos vários grupos de aldeias.

A agricultura destina-se basicamente à subsistência e não à venda de produtos. O tamanho das roças varia de aldeia para aldeia em função da população, de outras atividades desenvolvidas e de proximidade ou não da estrada. Nenhuma roça familiar atinge mais de 2 ha.

De modo geral as roças fornecem mandioca em quantidade suficiente para consumo o ano inteiro, com algumas exceções, como as aldeias do Estivadinho e Zalikutê, que estão à beira da estrada, e Timalatiazã (Saore), que têm nível de subsistência inferior ao das outras. O significado da roça de alimentação é que varia muito de aldeia para aldeia:

- a) Rio Verde - É a aldeia que juntamente com o Bacaval, têm o melhor nível de vida e em que a roça talvez seja responsável por 20% da alimentação, o resto sendo comprado com a renda do artesanato.
- b) Aldeias Satélites do Rio Verde (Makuatakerê, Africa, Kotijicum, Kalanaza e Cabeceira do Makuatakerê) - Dependem mais da roça para alimentação, têm um movimento um pouco menor em artesanato, contam mais com caça para alimentação. O padrão alimentar parece inferior ao de Rio Verde.
- c) Generoso - Fora da reserva, por estar mais longe da estrada, contam mais com a roça, tem mais caça e pesca, além de certo volume de artesanato.
- d) Taquarinha e Cabeceira do Osso - Têm um padrão semelhante ao de Generoso, embora com menos pesca. Cabeceira do Osso é a única aldeia desta região que tem vacas(3) de leite e um garrote. Até agora contavam com a forte colaboração de Orlando (do Summer) não só na parte de saúde, mas em permutas de alimentos, munição, gêneros de primeira necessidade por artesanato, o que favorecia a sua fixação no local.
- e) Vivi e Capitão Marcos - com roças razoáveis mas de dependência grande da estrada e padrão de vida inferior ao das aldeias mais próximas.
- f) Bacaval, Vicente e Jair - grupo que se distingue dos demais por extrair a borracha. Têm um nível de vida mais elevado que o das outras aldeias, por contarem com mais pesca e caça (com a distância da estrada) e terem roças mais variadas com: milho, cará, banana, além de mandioca.
- g) Formoso, Malamaçê e Aldeia Queimada - A aldeia do Formoso tem a melhor roça, melhor e mais variada, em terra de qualidade muito melhor. A roça é seu maior sustento e dependem menos de artesanato. Fazem trabalho de empreitada para fazendas ocasionalmente.

2 - TRABALHO EXTERNO - Convém enfatizar que essa agricultura de subsistência complementada por outras atividades que comentaremos adiante (caça, pesca, artesanato, serviços na estrada, borracha) é fundamental para manter a população dentro da área. O trabalho assalariado ou de empreitada é assim excepcional, o que distingue essa área indígena da maioria das outras.

Nas épocas em que a estrada é interrompida e portanto a venda de artesanato diminui, há procura de trabalho externo - com poucas oportunidades de encontrá-lo.

3 - O ARTESANATO - É uma fonte importantíssima de renda especialmente para algumas aldeias mais próximas à estrada (Rio Verde em primeiro plano e as aldeias satélites, Boi Morto e Bititiro em seguida). É difícil calcular sua magnitude, mas alguns preços dos produtos podem servir de indicadores:

Rede de tucum	- Cr\$ 800,00
Espanadores	- Cr\$ 100,00 a 150,00 (às vezes os marreteiros procuram grandes quantidades para revenda)

Arco e flecha	- Cr\$ 50,00
Arco legítimo	- Cr\$ 150,00
Papagaios	- Cr\$ 300,00 (na época setembro-outubro)
Bolas de mangaba	- Cr\$ 10,00 a 20,00
Araras	- Cr\$ 500,00 a 600,00

Há porém dificuldade de obter matéria prima o que restringe a produção.

A renda obtida com artesanato não é dividida mas de uso pessoal, como toda a renda monetária, ao contrário dos produtos em espécie que são sempre repartidos.

- 4 - BORRACHA - Também é uma fonte razoável de renda para algumas pessoas (3 irmãos no Rio Verde, 2 pessoas em Kalanaza, 1 em Kotitikum). Nas aldeias do Bacaval é uma fonte mais importante. Chegam a tirar 6.000 kg./ano o que em 1977 equivalia a Cr\$ 120.000,00 para toda a população.
- 5 - SERVICOS NA ESTRADA - Algumas pessoas ganham Cr\$ 100,00/dia para guardar caminhões e carros atolados na estrada, etc. Ajudam em serviços mais rápidos de carga e descarga. Ganham algum dinheiro como guias na orientação de fazendeiros.

C O N S U M O

1 - Já há compra de bicicletas, rádios, toca-discos, lanternas, pilhas, espingardas, munição, máquinas de costura, redes de tecido, olhos escuros, facas, ferramentas (muito pouco), roupas prontas para homem, panos para mulheres, cobertores, sapatos, bijuterias, meias, chapéus, cosméticos, anzóis, gravatas, relógios, fios para tecer rede, etc.

Como alimentos, açúcar, óleo, sal, feijão, arroz, bolacha, sardinha, quitutes, farinha de trigo, fermento, fosforo, etc.

2 - Houve a partir de 1972 a tentativa de formar uma cooperativa incentivada por Daniel e Pelo Ir. Vicente. Com fundos iniciais de Cr\$ 2.000,00 e a administração de Daniel, a cooperativa cresceu e prosseguiu bem até 1976, com pequena ajuda externa da Missão, mas que não era essencial ao seu funcionamento.

Os preços eram bem inferiores aos do posto, a mercadoria era comprada em Cuiabá e vinha com o caminhão da missão ou comprada de marreteiros e, até a população de fora comprava af. Em abril de 1976, Daniel entregou a cooperativa, com um capital de Cr\$ 30.000,00, por desentendimentos com a comunidade e por estar com excesso de tarefas, pois já estava coordenando o projeto do cerrado. Duas pessoas de confiança de João Garimpeiro se encarregaram da administração, tendo consumido metade do capital - depois de 7 meses. O filho de João passou então a ser o responsável pela cooperativa, que hoje deve ter uns Cr\$ 5.000,00 de capital e muito pouca variedade de mercadoria.

Com a sua falência total, talvez haja condições para formar uma verdadeira cooperativa, que parte de iniciativa e de fundos de um número maior de pessoas.

P R O J E T O C E R R A D O

1 - Nesse quadro, foi introduzido em 1975 o projeto de mecanização de agricultura, com a compra de um trator grande e maquinário, gastos com adubos, calcário e treinamento de motoristas. O total de gastos da primeira plantação, feita em fins de 1976, foi de Cr\$ 98.000,00, que se acrescentaram à compra do maquinário (inclusive trator) no valor de Cr\$ 289.000,00, para a plantação de 45 ha. de arroz. Boa parte do treinamento de 4 tratoristas foi financiado pelos índios.

A produção em 1977 foi de 400 sacos de 60 kl. distribuídos e 350 sacos destinados à venda. Participaram diariamente dos trabalhos de colheita de 20 a 50 pessoas. - 60% da população (que é de 515 pessoas) foi atingida pelo projeto, recebendo o produto. Infelizmente o resultado das vendas, cuja responsabilidade estava totalmente a cargo dos índios, foi nulo, por problemas de comercialização que talvez possam ser evitados no futuro.

2 - No segundo ano, com o fracasso da venda, não havia fundos para recomeçar a plantação. Foi obtido uma verba de Cr\$ 26.000,00 do projeto de saúde, com o que se fez uma roça de 20 ha. A roça foi dividida em lotes por aldeias (ao contrário do ano anterior), sendo a divisão feita pelos índios. Uma parte já foi colhida e distribuída (250 a 300 sacos) e há ainda uma parte por colher. Esse ano não se pensa em comercializar a produção. Há assim o problema de financiar o projeto para o próximo ano.

AVALIAÇÃO DO PROJETO

a - o projeto não vem substituir a produção anterior mas sim acrescentar-se à produção da área. Para a nova experiência, não foi preciso que os índios deixassem ou diminuíssem as atividades anteriores. Assim apesar da mudança representada pela mecanização, não foi desestruturada a economia da área. Veio acrescentar recursos à alimentação, embora não à renda monetária.

b - O principal efeito, porém, é uma nova forma de coesão do grupo e de colaboração econômica. Enquanto antes só se encontravam para festas, pela primeira vez em sua história as aldeias produzem conjuntamente. Isso cria ânimo novo de luta pelas terras - houve em 1977 uma acerrada defesa contra dois ataques de fazendeiros. A própria existência do trator e facilidade de transporte tornou mais viável a defesa. Mas os índios têm sobretudo a oportunidade de se encontrar, debater em conjunto seus problemas e ir criando formas novas de decisão comunitária, reforçando os laços que os unem e sua auto-determinação.

S. A U D E

1 - RECURSOS HUMANOS

Histórico: nos anos anteriores houveram atendimentos neste setor por parte de missionários porém, um atendimento mais sistemático iniciou em 1971 com os trabalhos de Madre Inês e Nanci (voluntária da OPAN). Seguindo em 1972 com Rosa (também voluntária da OPAN) que permaneceu nesse trabalho nos anos de 1972, 73 e 74.

Em 1975 assumiu o setor Isaldina, que permaneceu até meados de 1976.

Atualmente, no setor de saúde deste projeto, atuam Abel e Silvia, ambos voluntários da Operação Anchieta.

2 - RECURSOS FINANCEIROS

Até 1976 o projeto de saúde era custeado com verbas cedidas pela Missão Anchieta.

Somente houveram condições de manter-se o atendimento até esse ano, por ser ele auxiliado com a medicação da CEME, sendo as verbas da MIA de difícil acesso, alegando esta, a falta de planejamento da parte interessada. Porém, planejamentos de gastos encaminhados pela equipe à MIA foram extraviados nos escritórios da mesma e por isso não foram atendidos. Deduzindo-se que o motivo maior era a reação que a MIA tinha em relação aos missionários que atuam no projeto.

Não tendo o projeto, condições de manter o atendimento de saúde somente com o auxílio da MIA e CEME, na assembléia geral de voluntários da OPAN em fins de 1976, foi exposta a situação da equipe, decidindo-se que doravante deveriam ser feitos projetos para petição de verbas estrangeiras.

Essa tomada de posição deu-se por ser o atendimento de saúde de grande importância dentro do Projeto Paresi.

O projeto foi encaminhado em fevereiro de 1977 para a CEBEMO - Governo Holandês, tendo como objetivo geral, além de melhorias de assistência à saúde, devolver aos índios Paresi a responsabilidade pelo cuidado da própria saúde e a formação de agentes próprios (enfermeiras(os) indígenas).

A importância solicitada foi orçada em Cr\$ 145.000,00 para o primeiro ano.

Como a verba para o projeto somente foi enviada pela CEBEMO em fins de 1977, o

projeto de saúde foi custeado, durante esse período, pela OPAN, importância esta que foi repostada após a vinda da verba pela organização Holandesa.

Esses recursos favorecem a compra de medicamentos, materiais de pequena cirurgia, materiais odontológicos e gastos de manutenção do JEEP com o qual a equipe desloca-se para o atendimento.

Como o projeto agrícola está diretamente ligado à saúde da tribo, foi essa verba recebida do exterior que favoreceu a continuidade dos trabalhos da roça comunitária que encontrava-se sem nenhum recurso financeiro para o seu prosseguimento.

A situação financeira atual do projeto de saúde, coloca o mesmo em posição privilegiada perante os demais projetos da Missão, que vêm fazendo um trabalho com poucos recursos financeiros. Havendo uma melhor coordenação dentro da MIA, a equipe concordaria em colocar à disposição da mesma, os recursos recebidos igualando-se assim aos demais projetos da missão e acabando com a situação de autonomia e privilégio em que ora se encontra.

3 - ATENDIMENTO DENTÁRIO

Em geral esse atendimento limita-se a extrações por falta de elementos humano-especializado neste setor e recursos materiais para a execução do mesmo.

Esse trabalho já vem sendo executado desde logo, digo, longo tempo, sendo que atualmente é feito por voluntários da OPAN.

Havendo necessidade de prótese, o Paresí tem assumido totalmente o custo da mesma.

4 - MEDICINA PREVENTIVA

Desde maio de 1974 tem sido feito a vacinação preventiva sendo que até o momento foram administradas:

- 2 vacinações contra Sarampo
- 2 vacinações Tríplice
- 1 Vacinação contra Poliomielite
- 1 vacinação contra Varíola e
- Parte da vacinação B.C.G.

Tivemos resultados positivos, sendo que na última epidemia de Sarampo o Paresí não foi atingido, apesar do contacto com várias pessoas, pela BR-364, portadoras da doença.

5 - MEDICINA INDIGENA

A equipe procura, na medida do possível, incentivar o uso dos conhecimentos tribais na cura com ervas, rezas, etc., procurando também adaptar-se ao uso das mesmas.

6 - DOENÇAS MAIS FREQUENTES

Por ordem de maior incidência:

- gripe e suas complicações
- verminose
- desidratação
- tuberculose

7 - PARTICIPAÇÃO DE ELEMENTOS INDIGENAS

Além do Cap. João Garimpeiro que desempenha função de enfermeiro remunerado pela FUNAI, colaboram no atendimento vários indígenas em diversas aldeias.

O atendimento destes elementos é precário por falta de maiores conhecimentos dos mesmos porém, é usado como fator conscientizante e uma forma da nação Paresí assumir os problemas do seu próprio povo.

Uma das preocupações primordiais neste setor é dar maior formação aos elemen-

tos que já desempenham essas funções e formar outros para que o atendimento seja feito em todas as demais aldeias.

8 - AREA E PESSOAL ATINGIDO

Atualmente a nação Paresi acha-se dividida em 26 aldeias somando aproximadamente 515 indígenas, sendo que somente 50% desse pessoal é mais atingido, concentrando-se o atendimento à aldeia do Rio Verde e adjacências.

Os principais motivos que levam ao não atendimento da totalidade dos elementos são:

- a) a distância que separa uma aldeia da outra (de 4 a 153 Km.)
- b) carência de enfermeiros
- c) localização descentralizada da residência da equipe.

EVANGELIZAÇÃO

Sabemos que o povo indígena é uma nação independente, com seus mitos, seus valores tribais, sua religião e que isso que é autêntico nele, deve ser mantido e incentivado. Entendemos ainda que tudo o que for nele introduzido, alheio à sua cultura, significa um desrespeito à seus costumes e uma invasão cultural.

Baseado nisso acreditamos que estamos evangelizando na medida que nos arraigamos na sua realidade e incentivamos seus costumes, demonstrando através do nosso comportamento, estimulando e apoiando essa cultura.

Fizemos isso na: cultura, economia e medicina.

- 1 - cultura - participação na medida do possível, nas festas, batizados, iniciações, mitologia, artesanato, aprendizado do idioma e incentivo à construção de casas originais.
- 2 - medicina - respeito e aprendizado da mesma, incentivo ao uso das ervas.
- 3 - economia - incentivo e participação nas roças, aceitação da alimentação tribal.

Entendemos que a evangelização faz-se também na medida que escutamos do índio a narração de seus mitos, nos interessamos por eles sem termos a preocupação de "doutriá-los" com os nossos conceitos religiosos.

SITUAÇÃO ATUAL DO GRUPO

1 - TERRA

- a) Reserva Decretada: 450.000 hectares, limitando-se ao:

Norte com paralelo 14
Sul com BR- 364
Leste com o Rio Verde
Oeste com o Rio Juruena

- b) Alteração da reserva sugerida pela tribo em 1974:

um acréscimo ao norte, não mais limitando-se com o paralelo 14 mas até a confluência do Rio Verde/Sacre com o Rio Papagaio.

Atualmente não há invasores na reserva, exceto de uma pequena fazenda nas proximidades do Rio Juruena acima do Paralelo 14, porém em vias de ser retirada pela FUNAI.

Existem sete aldeias fora da reserva, sendo elas: Capitão Marcos, Juínia, Genoroso, Estivadinho, Aldeia Queimada, Cabeceira do Formoso e Aldeia do Formoso. Esta última obteve junto à FUNAI a medição de uma área de 1.340 hectares que não foi ainda legalizada.

As aldeias Queimada e Cabeceira do Formoso, atualmente, permanecem longos períodos em abandono sendo usadas somente periodicamente. As roças dessas aldeias acham-se localizadas na aldeia do Formoso, motivo este que leva-os a deslocarem-se para lá nos períodos de preparo, plantio e colheita.

Todas essas aldeias fora da reserva encontram-se dentro de propriedades privadas (fazendas), em total insegurança, havendo porém a tendência de deslocarem-se para a área decretada.

2 - SITUAÇÃO DE CONFLITO

Em consequência da tomada de consciência e de ter o índio assumido a luta pela defesa da terra, aconteceram alguns conflitos com a população envolvente. Um deles implicou na expulsão de um fazendeiro, cuja fazenda encontrava-se dentro da reserva solicitada pelos Paresi, seguindo depois a proibição de uso da estrada, dentro da reserva, por fazendeiros da vizinhança.

Consequentemente, o contacto do índio com a BR-364, houve um conflito recentemente que resultou no assassinato de um Paresi no Restaurante J.K. e posteriormente, um ataque dos índios ao restaurante, com sérias consequências.

As causas principais desse ataque foram:

- a) a não tomada de posição da FUNAI e Polícia Federal apesar dos apelos constantes do Capitão João Garimpeiro e do Capitão da Aldeia Juininha.
- b) a contratação de jagunços pelo dono do restaurante levando a crer que haveria um ataque dos mesmos à aldeia Juininha.
- c) Uma forma indígena de "vingar" a morte do índio assassinado no restaurante J.K.

Nota-se também uma forte reação do Paresi contra fazendeiros, padres, jornalistas e fotógrafos, rechaçando ^{também} qualquer pessoa que penetre na reserva e que seja alheia à tribo.

3 - INTERFERÊNCIAS EXTERNAS

Ultimamente tem ocorrido mais frequentemente interferências da FUNAI dentro da reserva, talvez motivadas pelo fato de ser o Capitão João Funcionário remunerado pela mesma, para o trabalho de enfermagem.

As primeiras interferências mais notadas começaram em julho de 1977, quando Felipe, funcionário da FUNAI, entre outras coisas, desmanchou duas casas de fazendeiro estabelecido fora da reserva, dando a madeira aos índios, com a intensão de adquirir confiança no meio do grupo.

Houveram mais três outras interferências da FUNAI sendo que em todas elas não foi levado em conta o trabalho da equipe junto ao índio e nem comunicação prévia dessas incursões à reserva.

Uma dessas interferências aconteceu na aldeia do Formoso sendo que nessa ocasião a FUNAI tomou o partido do fazendeiro, fazendo com que os índios daquela aldeia accitassem um projeto agrícola mecanizado e com corretivos agrícolas dando à eles a área montanhosa e fraca e ao fazendeiro a área fértil e agricultável.

A última dessas "visitas" ocorreu em abril deste ano quando Reginaldo, funcionário da FUNAI, entrou na aldeia do Rio Verde acompanhado de dois agentes da Polícia Federal, ambos armados de metralhadora e revólver e trazidos pelo Capitão João Garimpeiro. O motivo desta última "visita" foi o caso do restaurante J.K.

Nesta oportunidade, Reginaldo, protegido pelos policiais armados, armou um escândalo de gritos histéricos e como um processo acusou os índios de bebados e preguiçosos e chamando índias de vagabundas.

Há também o caso de um mestiço que háje como "manda-chuva" no seringal da aldeia do Bacaval e que ultimamente tem favorecido a entrada de brancos para trabalharem como seus "peões", sem a aprovação do restante da tribo.

Por outro lado a entrada de turistas e demais pessoas alheias ao trabalho com a tribo, estão sendo barradas pelas próprias aldeias, o que para a equipe representa um ponto positivo dentro da tomada de consciência do índio Paresi.